AVEIRO, 26 DE NOVEMBRO DE 1982 — ANO XXIX — N.º 1366

Litoral

SEMANÁRIO

PREÇO AVULSO — 10$00

Director, editor e proprietário — David Cristo
Chefe de Redacção: Júlio de Sousa Martins
— Redacção e Administração: Rua do Dr. Nascimento Leitão, 36 — Aveiro (Tel. 22261)
Composto e impresso na «Tipave» — Tipografia de Aveiro, L.da — Estrada de Tabueira — Aveiro (Telefone 27157)

MERITÓRIAS INICIATIVAS da ADERAV

No prosseguimento das suas já tão meritórias iniciativas, a ADERAV (Associação de Defesa do Património Natural e Cultural da Região de Aveiro) levou a efeito, no passado dia 14, mais uma série de importantes visitas guiadas, em que participaram cerca de cem interessados nas diversas temáticas programadas.

CONVENTO DE SÃO FRANCISCO

A visita iniciou-se no Convento de São Francisco, onde o Rev. Padre João Gonçalves amavelmente acolheu os visitantes e fez o relato de factos recentes que conduziram parte daquelas vetustas edificações à ocupação pela Polícia Judiciária.

Trata-se de uma obra arquitectónica dos séc. XVI-XVII, de inestimável valor artístico e histórico, cuja unidade se encontra, lamentavelmente, fraccionada. Disso se deram conta os visitantes ao observarem o pátio interior e claustro anexos às igrejas geminadas de São Francisco e Santo António, onde já foram iniciadas as obras de adaptação requeridas pela P.J. Apesar de se considerar impossível demover as autoridades das decisões de implementação, foram feitas sérias reservas sobre a sua justeza. Na verdade, entende-se que deveria ser restaurada a continuidade que outrora existiu entre o claustro e a sacristia, tanto ao nível do rés-do-chão como ao do primeiro andar. Mereceu censura a opção de instalar um escritório sobre o pavimento que suporta o tecto da sacristia, o qual necessita de ser urgentemente restaurado, para evitar integralmente a perda. As pinturas, nomeadamente, carecem de atenção imediata. Foi manifestada a opinião de que a ADERAV deveria reclamar junto do Governo Civil, da Câmara Municipal e dos Monumentos Nacionais uma alteração ao projecto de instalação da PJ, por forma a permitir que o claustro ficasse integrado no complexo das duas referidas igrejas e não nas instalações destinadas à PJ. Sendo isso impossível, o projecto deverá incluir as medidas necessárias para que o livre acesso do público aos claustros não venha a ser impedido pela PJ.

A ADERAV espera que o apoio às obras que aparentemente vai ser dado pela Direcção Geral dos Monumentos Nacionais, permita assegurar que seja respeitado o carácter, a traça e a harmonia do conjunto e, ainda, que sejam criadas as condições que tornem possível a sua visita, a qualquer hora do dia, por turistas nacionais e estrangeiros.

Continua na 3.ª página

EU JULGUEI...

VASCO BRANCO

Eu julguei...

Palavra, eu julguei que a pureza daquela madrugada de Abril alastrasse solidarizando os homens, calando os insultos naturalmente apetecidos, dissolvendo a violência naturalmente acumulada, aplacando os ódios fermentados no silêncio difícil, trágico, insuportável, dos dias, dos meses, dos decénios. É que a indulgência nunca significou falta de firmeza.

Eu julguei...

...Eu julguei, porque vivi esse sonho ímpar de fraternidade nos abraços quentes e espontâneos das pessoas, no sorriso feliz escorrendo dos olhos atónitos das crianças, na vivacidade incomum dos seus gestos, no calor das palavras veementes, nas lágrimas de emoção, no choro convulsivo e irreprimível de parentes e amigos.

Eu julguei...

...Eu julguei porque, pela primeira vez, senti que à minha volta se respirava... profundamente.

Nunca foi tão branca a minha Cidade. Nunca o sol aqueceu e acarinhou tanta gente. Não se ouviu um tiro, nem se ouviram gritos. Não houve espancamentos, nem violações, nem fúrias, nem mortes. Apenas mãos dadas. Tudo aconteceu naturalmente, porque o Povo o esperava há muito e tinha as suas

Continua na 3.ª página

Assestando o binóculo na PONTE PRAÇA

AMADEU DE SOUSA

Dizia Pitigrilli que o beijo é uma troca de bacilos. Assim sendo, assiste-se a um surto epidémico de bacteriose, cujos efeitos, benigos ou malignos, só posteriormente se poderão diagnosticar.

Mas, como os malefícios do tabaco, apregoados aos quatros ventos, também os micróbios — que possam advir da prática excessiva do ósculo — são letra morta para os jovens, que não se intimidam pelas inconveniências que de um e outro possam resultar.

O prazer que lhes proporciona o cigarro na boca e o beijo nas faces ou nos lábios (salvo o mau hálito) valem bem o desafio aos perigos a que se sujeitam pelo vício daquele e o hábito agora generalizado de beijar a malta.

Deixemos, porém, o fazer-se da boca narinas chaminé, para nos debruçarmos tão somente pela profusão de beijos que irrompe em catadupas, inundando praças e ruas, cantos e recantos.

Pode dizer-se que a prática do beijo é moeda corrente entre nós, embora com acentuada desvalorização, face ao aumento desenfreado.

Mero cumprimento, sinal de afeição, ou camuflada intenção, a verdade é que os

Continua na 6.ª página

HUMBERTO LEITÃO

"BOMBEIROS VELHOS" - *na hora de Festa*

De entre todas as organizações colectivas, as de bombeiros podem ufanar-se de uma longa vida sempre na senda do Bem. Pois se foi para isso que elas foram criadas...!

Por isso mesmo, há cem anos, alguns homens bons de Aveiro se juntaram e tomaram sobre si solene compromisso. Somente, o maravilhoso do caso está em que, falecidos esses homens, as gerações que, uma após outra, se lhes seguiram, vieram congenitamente embuídas do mesmo sentimento de amor humano, vivo, constante e destituído de qualquer interesse material.

É realmente maravilhoso este passar de facho!

E foi, exactamente, o que aconteceu com os BOMBEIROS VELHOS, desta nossa Cidade, que festejam este ano o seu primeiro centenário, e a quem, por isso, esta velha ARCA cordialmente saúda, numa homenagem muito simples, mas sentida.

Vinte anos ao seu serviço, como presidente da Direcção, permitem-me compreender, como ninguém, a formação aní-

Continua na 6.ª página

Achegas para a HISTORIOGRAFIA AVEIRENSE

J. EVANGELISTA DE CAMPOS

XCV

A Polícia de Segurança Pública destacou, para Aveiro, um grupo de mulheres-polícias, todas muito elegantes nas suas fardas, para, especialmente, dirigirem o trânsito, missão de que elas se têm desempenhado com regular eficiência.

A existência desse corpo policial feminino fez com que me acudisse à memória um quadro da revista AO CANTAR DO GALO que o **Grupo Tricanas e Galitos** levou à cena em 1936.

Logo a seguir à abertura, aparece no palco um jornalista lisboeta, o PONEY, o qual, tendo tomado conhecimento do surto de desenvolvimento por que Aveiro estava a passar, resolveu vir observar **de visu** (foi assim que ele disse ao polícia 33, primeira autoridade com quem deparou), esse desenvolvimento e perguntando-lhe se ele não queria ser seu **cicerone**.

O 33 respondeu-lhe que isso não era da sua conta, mas, sim das POLÍCIAS DE TURISMO; e que ele, jornalista, até estava com muita sorte porque vinha a chegar a chefe das mesmas, — toda ela amabilidades, — a quem se devia dirigir, conselho que o jornalista aproveitou, dizendo-lhe que desejava aproveitar-se dos seus serviços.

A **chefe** pôs-se, imediatamente,

Continua na 3.ª página

INDEPENDÊNCIA *e* REGIONALISMO

LÚCIO LEMOS

No decorrer da reunião que se efectuou em 29 do mês passado no salão nobre do Clube dos Galitos e em que foi pormenorizadamente analisado o problema da continuidade a dar à publicação regular deste semanário, ao qual, de várias formas, a partir de 23/12/58 (3 meses depois de vir de Coimbra trabalhar no Liceu de Aveiro) dei muito de mim mesmo, o Dr. David Cristo pôs em destaque as características (sempre mantidas desde a fundação do jornal, em 1954) de regionalismo e independência de que se tem revestido o semanário de que é Director.

Como colaborador e leitor sei que, quanto à independência do jornal, ela jamais poderá ser posta em dúvida por quem quer que seja. Daí, de certo, a razão por que o «Litoral» sempre contou com um lote de bons e dedicados colaboradores, dos mais diversos quadrantes, que abordaram temas para os mais diferentes gostos dos leitores. No «Litoral» praticou-se (e, de certo, continuará a praticar-se) a unidade (e jamais a unicidade) na legítima diversidade de opiniões.

O conhecimento, o apreço e até a amizade entre as pessoas nada têm a ver com a concordância ou discordância face aos pontos de vista

Continua na 3.ª página

ESPAÇO - *Festa*

IDÁLIA SÁ-CHAVES

AVEIRO é uma menina. Usa vestido de água muito azul debruado a renda branca, de espuma. Tem um bibe de sol e, nos cabelos, usa laçarotes brancos de sal.

Passeia descalça e leve como se voasse.

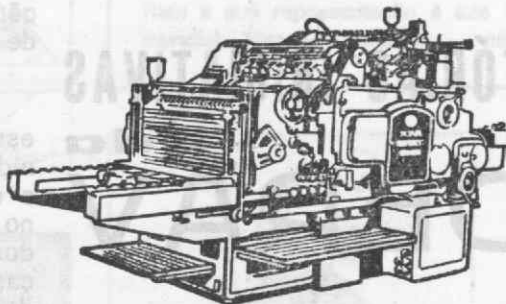
Continua na 3.ª página

Litoral

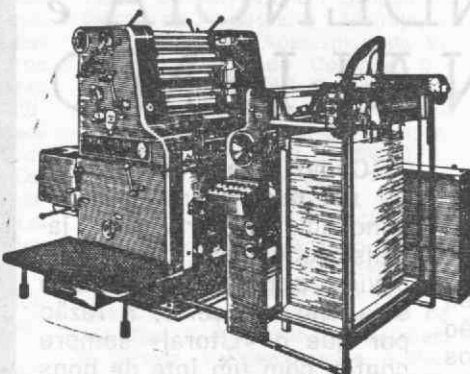
DE COMO REAPARECE

Com vista ao relançamento do «Litoral» — que teve que suspender, temporariamente, a sua publicação, pelas imperativas razões aqui dadas à estampa em editorial do seu número 1365, de 27 de Novembro do ano transacto — reuniram-se, no salão nobre do Clube dos Galitos (amavelmente cedido para o efeito), na noite de 29 do mês de Outubro último, numerosos colaboradores e amigos deste semanário. Ali foram reiterados os motivos do interregno: dificuldades financeiras (em grande parte por débitos de anunciantes e assinantes e, sobretudo, pelo aumento dos custos tipográficos) e a necessidade de constituir um corpo redactorial que, na medida do possível, libertasse o director da folha do exaustivo trabalho que lhe ocupava grande parte do tempo, com grande prejuízo das suas actividades profissionais.

Ficou, então, unanimemente resolvido (com generosas e espontâneas sugestões): nomear um corpo redactorial para o exercício de específicas funções editoriais; solucionar os problemas financeiros com a cedência da propriedade do «Litoral» a entidade a constituir. E será no próximo mês de Dezembro que, em nova reunião, tudo ficará definitivamente progra-

Continua na 6.ª página

TIPOGRAFIA • ENCADERNAÇÃO • FOTOGRAVURA

TIPAVE-Tipografia de Aveiro, L.da

LIVROS • REVISTAS • JORNAIS • TRICROMIAS

Meritórias iniciativas da ADERAV

Continuação da 1.ª página

QUINTA DE SÃO FRANCISCO (EIXO)

Dado o elevado número de participantes, foi necessário formar três grupos, que percorreram grande parte do notável arvoredo (especialmente de eucaliptos, único em Portugal e que já foi um dos mais completos da Europa), sob orientação dos Eng.os Ribeiro, Queirós e Valente. A «Portucel» porá fim à fase de degradação, que há anos se vinha a acentuar, procedendo ao plantio de novas espécies para repor a importância de que outrora a Quinta se revestiu.

A casa do saudoso Jaime de Magalhães Lima foi curiosamente percorrida, com a veneração que a memória deste ilustre aveirense sempre suscita, consternando-se os presentes com a dispersão do rico espólio, sobretudo da sua famosa biblioteca. A figura e a obra de Magalhães Lima foram evocadas pelo aveirógrafo Eduardo Cerqueira, que emocionadamente recordou episódios de tempos passados, quando casa e quinta eram um foco de cultura neste País, onde acorriam as figuras mais notáveis das artes e das letras.

Lamenta-se que a obra de Magalhães Lima tenha vindo a ser votada ao esquecimento, a ponto de não haver, actualmente, obras suas no mercado.

É, pois, da mais elementar justiça tornar possível à actual geração o conhecimento de quem, nos mais variados campos do saber, atingiu um mérito indiscutível.

PATEIRA DE FERMENTELOS

Após piquenique e convívio, realizou-se uma mesa redonda sobre o problema da eutrofização da Pateira e das agressões estéticas que têm sido feitas nas suas margens.

Houve uma informação quanto às causas e consequências da eutrofização. O Dr. Aristides Hall referiu o papel desempenhado pelos nutrientes transportados pelo rio Cértima, dos que estão acumulados nos sedimentos e dos que afluem pela escorrência subterrânea. Foram discutidas as vantagens que adviriam da instalação de estações de tratamento nas povoações e indústrias do vale do Cértima, sendo frizado que, do ponto de vista da eutrofização da Pateira de Fermentelos, só haveria vantagens se os processos de tratamento instalados incluissem a remoção de nutrientes. O Dr. Hall referiu, ainda, as implicações que teria a regularização do nível das águas e das margens da Pateira, tendo sido evidenciada a necessidade de remover as raízes dos macrófitos fixos ao fundo. As consequências que teriam a aplicação de métodos inadequados foram exemplificadas através do paralelismo com o que aconteceu recentemente no lago do Parque da Cidade. Pelo Dr. Armando Duarte foi demonstrada a necessidade da promulgação da Lei da Água.

Não havendo entre os presentes nenhum especialista em ordenamento físico e estético da paisagem, não puderam as agressões estéticas atrás referidas ser discutidas com grande pormenor. Foram levantadas reticências quanto à maneira como foi tratada a área onde está implantado o Monumento ao Emigrante e sugerido que se diligenciasse no sentido de se conseguir uma melhor harmonização daquele monumento com as margens.

A propósito do aproveitamento da Ribeira do Pano como uma reserva natural de aves aquáticas, o Dr. Hall informou das diligências feitas nesse sentido. Referiu o parecer favorável, dado por um especialista inglês que foi dado a conhecer ao Secretário de Estado do Ambiente (de quem o assunto depende) e a disponibilidade da Universidade de Aveiro em assegurar o funcionamento das infra-estruturas educacionais da reserva. Apesar de duas insistências nesse sentido, o Secretário de Estado do Ambiente nunca respondeu à proposta que lhe foi apresentada. Considerou-se que a ADERAV deveria voltar a insistir no assunto.

IGREJA DA TROFA — PANTEÃO DOS LEMOS

Obra notável da Renascença Coimbrã, a que anda ligada uma das famílias mais influentes da vida portuguesa dos fins dos séculos XV e XVI (no Oriente, no Atlântico e no Brasil), não tem merecido o devido respeito por parte dos estudiosos nem por parte dos organismos responsáveis pela recuperação dos monumentos nacionais. Particularmente, deveria existir na Estrada Nacional n.º 1 a correspondente sinalização e ser divulgada a nível da Arte e da História de Quinhentos, como relíquia preciosa do nosso «Século de Ouro».

Esta visita foi orientada pelo Dr. Amaro Neves, que descreveu aspectos mais significativos da vida pátria em que os Lemos desempenharam lugar cimeiro e, também, as fases da construção da Capela-Panteão.

NOTAS FINAIS

Pena foi que esta iniciativa não tenha tido suficiente cobertura da Comunicação Social, já que se tratava de importantes aspectos do Património Regional.

A ADERAV congratula-se com a adesão que a sua iniciativa mereceu por parte de associados e simpatizantes e aceita, desde já, propostas para novo programa/encontro.

Independência e Regionalismo

Continuação da 1.ª página

expostos por cada um. Relativamente à defesa dos interesses e anseios de Aveiro (Cidade, Concelho e Distrito), penso que tal comportamento depende, muito decisivamente (como sempre aconteceu e há-de acontecer), do espírito de luta e perseverança dos aveirenses nascidos em Aveiro em conjugação de esforços com todos quantos, embora não nascidos em Aveiro (mas aqui radicados) saibam amar, por razões de vária ordem (incluindo as hereditárias e familiares) esta maravilhosa região de que tanto gosto.

Não é por ter nome de peixe que não me canso de dizer que em Aveiro me sinto *como peixe na água.*

Todas as muitas pessoas com quem convivo no dia-a-dia, no emprego ou fora do emprego, em casa como na rua, em Aveiro ou extra-muros, sabem que assim é.

Espero que assim continue a ser ao longo dos anos de vida que ainda tenho para viver.

Poucos? Muitos? Deus é que sabe. Eu sou Jesus... mas terrestre.

LÚCIO LEMOS

Achegas para a HISTORIOGRAFIA AVEIRENSE

Continuação da 1.ª página

às ordens do PONEY, dizendo-lhe: — «Os serviços de assistência aos turistas, em Aveiro, estão primorosamente organizados. Assim, foi criado um **corpo de polícia turística** — de que sou a chefe — o qual tem a nobre e especial missão de mostrar a todos os visitantes as nossas belezas, quero dizer, os encantos desta pérola oceânica, engastada nas margens da sua ria nostálgica».

O PONEY apresenta-se na sua qualidade de jornalista, e admira-se da existência do **corpo das polícias de turismo,** pelo que a **chefe** se propõe mostrar-lhe esse corpo, dizendo-lhe: — «As minhas agentes, destinadas a acompanhar os turistas, falam todas as línguas: o Francês, o Inglês, o Espanhol e até o Chinês».

Esta afirmativa causa admiração e entusiasmo no jornalista, que exclama: — «Mas isso é formidável!»

A **chefe** apita e, no palco, entra um grupo de raparigas gentis e elegantes, devidamente fardadas, as tais que formam o **Corpo das Polícias de Turismo** e que fazem a sua apresentação cantando:

Polícia para turista
Sabiamente organizada,
Numa missão altruista
Muito bem orientada.

Sabemos Geografia
Onde ficam monumentos
A caldeirada de enguia
Com todos os condimentos.

Belo turismo
Informações...
Muito bairrismo
Sem restrições...
Convidativas
Sempre cá dentro,
E muito activas
Pelo nosso centro.

Somos leais cicerones
Nas nossas informações
Para mostrar aos mirones
Onde há os bons mexilhões.

Acabada que foi a cantoria, a **chefe** diz ao PONEY que pode escolher, de todas as suas agentes, aquela que mais lhe agradar para lhe servir de guia durante a sua estadia em Aveiro. Este acha difícil a escolha, e passa-as em revista, lentamente.

A primeira, diz-lhe: **Yo lo puedo mostrar muchas belezas a usted...** ao que o PONEY responde: **Yo lo creo senhorita... usted es un nido de gratias...**

A segunda intervem: **Pardon, monsieur. Regardez moi; je vous en pris, regardez moi...** a quem o PONEY responde: **Oh! Comme elle est gentille. C'est un bijou! Je vous aime mademoiselle. Je crois que vous aime à la brute...**

A terceira agente, inconformada, diz-lhe **No, no Look at me.I mant you foll dawn in lve wite me,** a que o jornalista responde: **yes darling. You are charming and y prefer you. Oh. Céus! se prefiro...**

Esta resposta entusiama a agente que brada: **Kisse-me!**

O PONEY abraça-a e vai para beijá-la; porém, a **chefe,** irritada, intervém dando voz de SENTIDO, ao que todas as agentes obedecem, e motiva o dito do jornalista: **Agora que iamos tão bem lançados... voltamos à primeira forma.**

Ainda uma quarta agente se lhe dirige: **Chan ká chei yang ei u?** A esta, o PONEY responde: **Oh! filha. Tenho muita pena mas não percebo patavina de Chinês.**

A **chefe** informa que fala unicamente o Português, mas, como aveirense de lei, supõe poder mostrar-lhe, com todos os pormenores os encantos da sua terra.

O PONEY aceita a oferta, dizendo que, de língua, prefere a portuguesa e as de bacalhau, cantando em seguida:

Que polícias tão galantes,
Tão correctas, sem falácia;
Têm vozes aliciantes,
«Solo conocem las gratias».

Transbordam tal simpatia,
Tão perto do nosso alcance,
Que esfusiante alegria
«Honny soit qui mal y pense».

Neste lance — Deus cupido!
«To be or not to be»
Não sei se fico perdido
«Ti chi fun tará á tá li».

Ao que as agentes respondem, em coro:

Muitos «mercis»
a Vocelência
«Nuestros» perfis
Em continência.
Sempre discretas
Aqui «all right»
E mui selectas
«per fi un saite».

Mandadas retirar, o PONEY repara que as agentes, ao passarem por uma senhora muito distinta, a saudaram com todo o respeito e muita consideração, pelo que pergunta à **chefe** de quem se trata. Esta informa-o ser a **D. Câmara,** a quem o apresenta.

O PONEY diz ter muito gosto em conhecê-la, pessoalmente, pois tem ouvido as mais honrosas referências à sua pessoa e à cidade que ela representa.

A **D. Câmara,** depois de agradecer ao jornalista o seu interesse, e o da Imprensa lisboeta, em conhecer a cidade, ao que o jornalista diz ser dever de todos os Portugueses, continua:

...— Aveiro! Mãe de filhos que Deus abençoou e que brilharam pelos seus talentos e virtudes, nas ciências, na arte, na política, na oratória, na imprensa, enfim, em todos os sectores dos merecimentos humanos. Foi mãe de José Estêvão, o colosso do século passado na oratória parlamentar, na oratória forense, na arte da guerra, na cátedra, cujo nome ainda refulge em todos os cantos desta pátria amada!

E, depois de uma interrupção do PONEY, continua:

Guarda as ossadas de Melo Freitas, de Gravito, de Morais Sarmento, e de tantos outros mártires da Liberdade que, digam o que disserem, foram os precurssores das grandes ideias políticas e os mais importantes padrões da civilização que disfrutamos e alcançámos e cuja defesa é hoje a nossa constante preocupação!

Nova intervenção do jornalista e, **D. Câmara** continua:

A minha terra, a sua ria, as suas tricanas — verdadeiras beldades —, as suas marinhas de sal! Como me comove falar da minha terra! Vem V. Ex.ª visitá-la: como lhe agradeço!

Tendo a **chefe** perguntado ao PONEY a sua opinião sobre a **D. Câmara,** este respondeu estar entusiasmado com o grande amor que ela tinha pela sua terra e admirava que ela fosse tão nova ainda. Estava encantado.

A **chefe** explicou-lhe que a nossa Câmara, porque acompanha, sempre, o progresso, mantem, inalterável, a sua juventude.

Esta observação da **chefe** pode ser feita em relação à actual Câmara, que tantas e tão importantes coisas tem feito, quer na cidade, quer no restante do concelho, para o seu progresso!

Está cada vez mais jovem e mais activa!

Bem haja...

::—::

A **chefe** conduz o PONEY em direcção ao Parque da Cidade, entregando-o à **Seta** que tem a seu cargo a missão de indicar o caminho para lá chegar e, nele, acompanhar os visitantes.

Neste percurso encontra o **Padeiro,** a **Peixeira,** as **Leiteiras** à espera que lhes fiscalizem o leite, a **Mulher das Camarinhas** e os **Brasileiros** que, também, vieram visitar Aveiro.

J. Evangelista de Campos

ESPAÇO - Festa

Continuação da 1.ª página

Desnuda-se aqui e ali e flutua como se nadasse.

Agita-se no vento e evapora-se como se dançasse.

Aveiro é uma menina e, como as de DEGAS, bailarina.

Apetece-nos que cante.

Apetece-nos que chore.

Apetece-nos que fale.

Apetece-nos que grite!

Mas, faltou-lhe voz.

Quedou-se no silêncio, mas não no vazio.

Perdeu capacidade de comunicar, mas não os valores do seu conteúdo.

Calou-se apenas.

Que seria, aliás, da música sem os seus silêncios?

Ela que, hoje, balbucia: — Estou aqui!...

Senhores: foi um grito de gaivota, ou foi o coro das gentes, que operou esta mudança? Menina Aveiro, canta!

Menina Aveiro, dança! Para te suster, nos frágeis passos de agora, também nós estamos aqui!

Idália Sá-Chaves

EU JULGUEI...

Continuação da 1.ª página

portas abertas de par-em-par. E a lufada fresca, temperada com o odor a cravos, saturou-nos os pulmões ávidos e chegou-nos ao sangue. Finalmente. Finalmente.

Eu julguei...

...Eu julguei, porque vi cristãos e comunistas apertados no mesmo abraço, e a esperança nascente nos frios e nos cépticos. Vi, até, (serei ingénuo?) a vontade de atravessarem o rio e o desejo sincero de comparticipação activa em muita gente que sempre se situara na outra margem.

Por isso julguei, eu julguei que íamos todos, mas todos,
prioritariamente,
solidariamente,
livremente,
firmemente,
extenuantemente,
construir um País novo, esquecendo novos-velhos agravos, sem perseguições, sem injustiça, sem ódio, sem violência.

Eu julguei...

...Eu julguei nunca ter de saber velhos amigos, companheiros de infância, inexoravelmente separados por simples programas políticos, famílias cindidas por diferenças, tantas vezes curtíssimas diferenças ideológicas. Gente sofrendo toda a espécie de humilhações e carências, em muitos casos, vítimas de incongruências, de oportunismos, de fanatismos, de ódios malevolamente ateados.

Eu julguei...

...Eu julguei que estávamos inteiramente libertos dos feudos cancerígenos alastrando metástases pelo nosso mundo das Letras e das Artes.

Eu julguei...

...Eu julguei que seriam definitivamente pulverizadas as capelinhas onde se esparge, mutuamente, a água benta caseira sobre o compadrio eleito.

Eu julguei...

...Eu julguei perdido, no espaço negro e frio que separa os planetas, a abominável política de suborno, a injusta e triste hierarquia da «cunha», a subserviência melada e nojenta dos aduladores profissionais.

Eu julguei...

...Palavra, eu julguei que a pureza daquela madrugada clara de Abril pudesse alastrar em onda luminosa, imensa, motivando o povo (todos somos Povo) para a nossa revolução, uma revolução sem armas, sem sofrimento, sem lágrimas, sem sangue, sem mortes.

Essa pureza está em vias de se perder. E, talvez por isso, a almejada motivação já se não sinta tanto.

Tanto.

Tanto.

VASCO BRANCO

A ABRIR:

OLÁ «Litoral»

BONS OLHOS TE VEJAM

Com este pequeno apontamento quizemos estar também presentes no número que diz aos aveirenses que o jornal «Litoral» não morreu ainda.

Muitos foram os que acreditaram sempre na reaparição deste semanário independente, acessível a todas as ideologias políticas e religiosas.

Há vários anos que, aconselhados por um dos então responsáveis por esta publicação, começámos, de quando em vez, a escrever algo.

De então para cá, grande lacuna fomos sentindo na nossa modesta, mas espinhosa, missão de criar um texto com interesse, utilidade e, quantas vezes, cheio de crítica **(sempre procurámos que fosse de ordem construtiva)** a actuações de índole popular.

Claro está que, como não podia deixar de ser, neste número de recordação e de apresentação daquele que foi, é e será o jornal «Litoral» do Litoral, aqui estamos, não para solicitar aos responsáveis autarcas isto ou aquilo, nem tão-pouco para dizer que este ou aquele assunto merece meditação.

Estamos aqui, isso sim, para dizer que os nossos escritos, sempre que os responsáveis do periódico entendam aproveitar, aparecerão regularmente.

Não estamos ao serviço deste ou daquele partido político, nem comungamos directa ou indirectamente com as ideologias particulares de cada um.

Continuaremos como até agora. Apontando factos concretos, resurando erros e tapando lacunas.

Ao «Litoral» desejamos largos anos de continuidade e aos seus responsáveis auguramos inúmeras felicidades e que o seu esforço seja compensado com a compreensão de todos quantos se honram de ser aveirenses, por naturalidade ou por adopção.

Artur Lamego

CRUZ VERMELHA PORTUGUESA

O Coronel Duarte Cabarrão, Presidente Nacional da Cruz Vermelha Portuguesa, visitou, há dias, a Delegação de Aveiro, presentemente instalada na Rua Dr. Mário Sacramento, no prédio do extinto Fundo de Fomento de Habitação.

A principal finalidade desta visita respeitou à instalação da C.V.P. no Distrito aveirense.

SANTA CASA DA MISERICÓRDIA

Na tarde do dia 8 de Outubro transacto, foram benzidas três capelas mortuárias nos edifícios da Santa Casa da Misericórdia de Aveiro, as quais têm saída para a Rua do Batalhão de Caçadores 10.

Houve missa de sufrágio pelos Irmãos falecidos.

As cerimónias religiosas presidiu o venerando Bispo de Aveiro.

GRUPO DAS BARROCAS

No dia 29, segunda-feira, com início às 21.30 horas, o Grupo Etnográfico e Cénico das Barrocas exibir-se-á no Teatro Aveirense, com a sua orquestra privativa e promissoras novidades.

Canções regionais de Aveiro e outras, bem como a exibição de trajes de tricanas, salineiras, marnotos e pescadores, serão, essencialmente, o tom e a cor do espectáculo do Grupo, que já tem alcançado notáveis sucessos em vários pontos do País.

O espectáculo tem o patrocínio da Câmara Municipal de Aveiro.

PREVENÇÃO DE DOENÇAS CARDIOVASCULARES

No Conservatório Regional, o Serviço de Cardiologia do Centro Hospitalar Aveiro-Sul leva a efeito amanhã, 27, com início às 16 horas, um colóquio informativo sobre a prevenção de doenças cardiovasculares. Nele colaboram o Prof. Dr. Fernando Pádua e D. Maria de Lurdes Modesto.

Subordinada ao tema da sessão, estará patente uma mostra de trabalhos da autoria de doentes e alunos das Escolas Preparatórias.

ANIVERSÁRIO DA «CERCIAVE»

A Cooperativa para a Educação e Reabilitação de Crianças Inadaptadas de Aveiro (CERCIAVE) — que actualmente é frequentada por 90 alunos — celebrou, em 16 do corrente, o seu sétimo aniversário.

Entre outras realizações, houve visitas guiadas às novas instalações oficinais de pré-profissionalizados, situadas na Colónia Agrícola da Gafanha, uma mesa-redonda em que foi abordado o tema «Apoio ao deficiente mental em idade escolar — que resposta?» e um convívio, em que participaram familiares dos alunos.

UNIVERSIDADE DE AVEIRO

O Decreto-Lei n.º 128/82, de 12 do corrente, cria, na Universidade de Aveiro, o Curso de Licenciatura em Matemática, que já terá início este ano.

ARTES PLÁSTICAS

Diversos artistas plásticos de terras aveirenses promoveram exposições dos seus trabalhos, não só na nossa cidade como em variados pontos do país e do estrangeiro, algumas das quais ainda decorrem. Além de outros, Jeremias Bandarra, Cândido Teles, José Mendonça.

Helder Bandarra — que iniciou a sua actividade artística com ilustrações para o «Litoral» — mostra valiosas pinturas da sua autoria no Salão Cultural da Câmara Municipal de Aveiro, desde 20 do corrente, certame que se prolongará até 3 de Dezembro próximo.

A estes notáveis acontecimentos faremos, em próxima edição, merecida e mais desenvolvida referência.

ASSOCIAÇÃO DE PAIS

Hoje, 26, com início às 11 horas, realiza-se uma assembleia geral da Associação de Pais do Liceu de José Estêvão, que terá lugar neste estabelecimento de ensino.

O encontro destina-se, essencialmente, à eleição dos corpos gerentes, apreciação de contas e actividades e à preconização de realizações para o próximo ano lectivo.

FARIA DOS SANTOS EM AVEIRO

O comandante Faria dos Santos, antigo capitão do Porto de Aveiro e actual Secretário de Estado das Pescas, esteve recentemente nesta cidade em visita informal e para troca de impressões sobre o problema de lotas e vendagens e de outros aspectos, ligados ao sector, inclusive, o Plano Nacional de Pescas.

Numa reunião com os jornalistas, Faria dos Santos anunciou que o subsídio ao gasóleo para a pesca da sardinha está garantido, apenas, até ao fim do ano. A propósito do acordo de pescas luso-espanhol, adiantou que o nosso País aguarda que a Espanha indique a data de início de negociações, que irão decorrer na capital.

BANDA AMIZADE

A Banda Amizade comemorou o seu 148.º aniversário. Do programa, como habitualmente, constou o hastear da bandeira, missa, na igreja da Misericórdia, em sufrágio dos executantes e sócios falecidos, seguida de romagem de saudade aos cemitérios da Cidade. Pelas 13 horas, almoço de confraternização.

A exemplo dos anos anteriores, realizou-se um concerto comemorativo no coreto da Praça de Joaquim de Melo Freitas, sendo a Banda, composta por 40 elementos, dirigida pelo jovem maestro António Neves.

A Direcção da «Banda Amizade» pensa lançar em breve uma campanha de angariação de sócios, no sentido de conseguir uma receita que cubra as despesas, o que não tem vindo a acontecer ultimamente, valendo, na emergência, a colaboração da Assembleia Distrital e da Câmara Municipal.

CRIMINALIDADE E ACTIVIDADE DA PSP

Os aspectos mais característicos da criminalidade e actividade da PSP, na Zona urbana da Cidade de Aveiro, referente ao mês de Outubro findo, foram os seguintes:

1. Criminalidade

Os furtos a pessoas e em habitações continuam a constituir os indicadores mais significativos.

2. Actividade da PSP

Salienta-se:

— Foram efectuadas 10 capturas, sendo três por uso e posse de droga, três por desordem e agressão entre cidadãos na via pública, duas por desobediência à Autoridade, uma por burla e uma por posse e uso de revólver em situação ilegal.

— Foi recuperado um automóvel furtado avaliado em 500 contos. Foram ainda recuperados artigos avaliados em 77 330$00, que haviam sido furtados em residências.

— Através de inquéritos preliminares, a PSP averiguou que, em Outubro, foram apresentadas 3 queixas por furtos, uma do interior de automóvel, cujos artigos foram avaliados em 50 contos, e duas em residências particulares, no valor de 40 e 70 contos, respectivamente — furtos estes que não existiram, pois os queixosos, ao serem ouvidos, declararam que tinham os artigos fora do sítio habitual e pensaram que lhos tinham roubado.

CETA

No dia 28 do corrente, pelas 15 horas, o Circulo Experimental de Teatro de Aveiro (CETA) apresentará no Pavilhão Polivalente da Brandoa, ao público do Concelho da Amadora (Distrito de Lisboa), a sua peça «ANTÓNIO ALEIXO HOJE».

Desta forma, o Distrito de Aveiro estará representado com dois Grupos de Teatro no III.º Festival Sindical de Teatro de Amadores, iniciativa de grande interesse cultural, que congrega grupos de teatro de todo o País e que constitui um importante contributo para a divulgação nacional do Teatro de Amadores.

Câmara Municipal de Aveiro

EDITAL N.º 124/82

Zulmira Eneida de Sousa Silva e Cristo Barreto Cerqueira, vereadora em exercício na Câmara Municipal de Aveiro:

Faz público que a Câmara Municipal deliberou pôr em arrematação um lote de terreno para construção de um parque automóvel em meia cave, com área de 1.148 m2, sito na Zona a Poente da Avenida 25 de Abril, entre as torres n.os 2 e 3, cuja praça terá lugar no próximo dia 3 de Dezembro, pelas 14.30 horas, na Sala das Sessões do Município.

As condições de arrematação encontram-se patentes na Secretaria e nos Serviços de Urbanização e Obras desta Câmara Municipal, onde poderão ser consultadas dentro das horas normais de expediente.

Aveiro e Paços do Concelho, 16/Novembro/1982.

A Vereadora em exercício

Z. Eneida Cristo Cerqueira

CASA DIOCESANA
um apelo

Em terreno anexo ao Santuário de Nossa Senhora do Socorro, em Albergaria-a-Velha, encontra-se já em construção a Casa da Diocese de Aveiro, destinada essencialmente a retiros e cursos de formação para todos os movimentos de apostolado. Servirá de lar a sacerdotes idosos sem casa e, conforme as disponibilidades, poderá ainda acolher temporariamente pessoas que necessitem de repouso, isolamnto e reflexão num ambiente de paz e espiritualidade.

Esta casa será de dois pisos, com capacidade de alojamento para 90 a 120 pessoas e terá, além dos quartos, salas de reunião, capela, refeitório, cozinha, copa, etc. É uma obra de vulto, dadas as necessidades presentes.

A sua construção, entregue por concurso à firma SAVECOL, orçará, só na primeira fase, em 28.500 contos, constituindo assim uma enorme responsabilidade para os nossos Bispos, dado que a Diocese não dispõe do dinheiro necessário. As obras de Deus são feitas com o dinheiro dos homens. Assim, compete aos fiéis da Diocese de Aveiro levantar a Casa Diocesana que será um património dignificante para si e seus filhos.

Com vista à angariação de fundos, foi constituída uma comissão diocesana, dirigida pelo P.e Arménio Alves da Costa, a qual coordenará e apoiará a actividade de comissões arciprestais que trabalham para o mesmo efeito.

A obra está lançada. Confia-se agora no espírito empreendedor dos católico da Diocese de Aveiro, que responderão generosamente ao apelo dos nossos Bispos, para que a Casa Diocesana de Nossa Senhora do Socorro se erga sem entraves. As ofertas em dinheiro poderão ser entregues aos párocos, às comissões arciprestais, à comissão diocesana, ou directamente para o Paço Episcopal de Aveiro. As ofertas de materiais, principalmente tijolo, ferro e cimento para a primeira fase, deverão ser entregues na sede da SAVECOL, estrada de Cacia-Aveiro.

Aqui fica o apelo. E que Deus premeie os rasgos de genrosidade dos homens de boa vontade.

José Muge

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

Sexta	SAÚDE
Sábado	OUDINOT HIGIENE (Esgueira)
Domingo	NETO HIGIENE (Esgueira)
Segunda	MOURA
Terça	CENTRAL
Quarta	MODERNA
Quinta	ALA

SOCIEDADE MUSICAL DE SANTA CECÍLIA

Em S. Bernardo, a Sociedade Musical de Santa Cecília comemorou o seu 79.º Aniversário com um programa em que se destacou o descerramento de uma placa toponímica comemorativa.

Dos festejos, além da exibição de um grupo de antigos músicos pertencentes à Tuna Musical de Santa Cecília, fez parte um magusto, dedicado aos sócios, com que se encerrou o acontecimento.

PARÓQUIA DA GAFANHA DA NAZARÉ

O padre Miguel de Lencastre, que durante 12 anos exerceu as funções de pároco da Gafanha da Nazaré, seguirá em breve para S. Paulo, Brasil, por determinação dos seus superiores e como membro do movimento de Schoenstatt.

Em sua substituição, ficará a paroquiar a Gafanha da Nazaré o brasileiro padre Rubens Severino, até agora coadjutor do Padre Miguel, a quem a Gafanha prestou homenagem no decorrer de um espectáculo e durante um convívio que reuniu muitos dos seus colaboradores, amigos e admiradores.

CARTAZ DOS ESPECTÁCULOS

CINE-TEATRO AVENIDA

Dia 26, sexta-feira, às 21.30 horas — O VINGADOR DO OESTE — Não acons. 18 anos.

Dia 27, sábado; dia 28, domingo, às 15.30 e 21.30 horas; Dia 29, segunda-feira e dia 30, terça-feira, às 21.30 horas — A ODISSEIA DO SUBMARINO 96 — Não acons. men. 18 anos.

TEATRO AVEIRENSE

Sexta-feira, dia 26, às 21.30 horas; sábado e domingo, às 15.30 e 21.30 horas — GUERRA ABERTA — Não acons. men. 13 anos.

Terça-feira, dia 30, às 21.30 horas — BONECAS DA CALIFÓRNIA — Int. a men. 13 anos.

Quarta-feira, 1 de Dezembro, às 15.30 e 21.30 horas — SISSI — Para todos.

Quinta-feira, 2, às 21.30 horas — MISSING O DESAPARECIDO — Não acons. a men. 18 anos.

ESTÚDIO 2002

Dia 26, sexta-feira, às 16 e 21.45 horas — CRÓNICA DA MAIS VELHA PROFISSÃO DO MUNDO — Int. a men. 18 anos.

Dia 27, sábado, às 15.30 e 21.45 horas — AO ENCONTRO DA GUERRA E DO AMOR — Não acons. men. 13 anos; às 18 horas — O GRANDE DELÍRIO — Int. men. 18 anos.

Dia 28, domingo, às 15.30 e 21.45 horas — AO ENCONTRO DA GUERRA E DO AMOR — Não acons. men. 13 anos; às 18 horas — O GRANDE DELÍRIO — Int. a men. 18 anos; às 11 horas — ALI BABÁ E OS 40 LADRÕES — Para todos.

Dia 29 — segunda-feira, às 16 e às 21.45 horas — AO ENCONTRO DA GUERRA E DO AMOR — Não acons. men. de 13 anos.

Dia 30, terça-feira, às 16 e 21.45 horas — O MEU TIO DA AMÉRICA — Int. men. de 13 anos.

ARCA *de* ANTIGUIDADES

Continuação da 1.ª página

mica do bombeiro, as suas abnegações, a sua entrega total à causa, e as dificuldades de sobrevivência de uma organização ao serviço de todos, sem segunda intenção.

Não é demais toda a gratidão que a Cidade lhes manifeste, por merecida que é. Para eles, BOMBEIROS VELHOS, vão, pois, nesta hora de festa, os nossos fraternais parabéns!

Exactamente há 100 anos, numa fria madrugada do mês de Janeiro daquele ano de 1882, houve grande alarme na cidade, pois ardia com muita intensidade o velho Convento de Sá. Calcula-se o pânico que se gerou, se soubermos que não existia então em Aveiro qualquer Serviço de Incêndios devidamente organizado, pois não havia pessoal adestrado; e o material limitava-se a duas pequenas bombas e pouco mais, propriedade da Câmara Municipal. Segundo a opinião do seu próprio presidente, o material *não satisfazia as necessidades dos casos que tão frequentes são nas terras onde a população vive como aqui*, o que levou aquele senhor a propor que a Câmara, em face de tão precária situação, procurasse, por todos os meios ao seu alcance, não só fazer a aquisição de uma bomba nas condições precisas para bem servir, mas ainda de tudo o mais que a Ciência aconselha no que respeita ao serviço de extinção de incêndios. A Câmara, concordando em que é de urgente necessidade satisfazer, e dentro do limite das forças do Município, a aquisição dos indicados meios de combate contra a calamidade dos incêndios, resolveu que o seu presidente — informando-se completamente do material que se precisa haver para realizar o pensamento que era o de todos os habitantes da cidade — propusesse, o mais breve que lhe fosse possível, um projecto e plano completo, não só dos meios para aquisição daquilo que se julgasse indispensável, mas também da *formação de um Corpo de Bombeiros Voluntários que se desempenhasse satisfatoriamente do encargo que tão nobre e elevada missão impõe.*

Estava lançada a semente, nessa Sessão Camarária de 12 de Janeiro de 1882. Assim nasceu, naquele dia, a primeira corporação de bombeiros de Aveiro. Tomou, de início, o nome de Companhia de Bombeiros Voluntários, para mais tarde se designar por Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Aveiro, e hoje ser conhecida por «Bombeiros Velhos». Os seus homens da primeira hora, os precursores, foram: Francisco Augusto da Fonseca Regala, José Maria de Carvalho Branco, José Vieira da Costa, João de Oliveira Christovam, Manuel Tavares da Graça, Rufino de Sousa Lopes, Manuel da Rosa, João Augusto de Sousa, João Bernardes da Cruz, Manuel Homem de Carvalho e Christo, Manuel da Rocha, Fernando Homem Christo, João Bernando Ribeiro Júnior e Francisco Pinho Guedes Pinto.

Após a fundação, foi convidado o 2.º Patrão dos Bombeiros Voluntários do Porto, José Rodrigues Barrote, a vir expressamente a Aveiro, para dar instrução, ao que obsequiosamente se prestou.

Em 28 de Dezembro desse ano de 1882, com a aprovação oficial dos Estatutos, ficou a Companhia definitivamente organizada; e, no dia imediato, pelas 11 horas da manhã, na *casa que servia de estação de bombas e máchinas* — uma loja por baixo da Casa da Câmara, expressamente arranjada para esse efeito em 1860, e onde, com obras de desaterro, soalho, reboco, cabides, grades, pinturas e mais arranjos se gastaram 22.380 réis, — com a presença do presidente da Câmara, Manuel Firmino de Almeida Maia, procedeu-se à entrega do material de incêndios que o Município já possuía.

Cabe recordar que as primeiras bombas de incêndios que houve em Aveiro foram adquiridas em 1858, pela Câmara da presidência do Dr. Bento Rodrigues Xavier de Magalhães.

HUMBERTO LEITÃO

Remadas...de graça

Continuação da última página

O que, porém, ainda não disse é que a Federação mandara fazer camisolas novas, e que no dia da partida para Itália a fábrica não tinha pronta essa encomenda, que prometeu mandar no dia seguinte, por avião. Mas, na véspera do Campeonato Europeu, a mala com as camisolas ainda não tinha chegado a Milão! Nas lojas da cidade não encontraram camisolas de tom roxo claro (mauve), cor da Federação Portuguesa do Remo. Por não haver outra coisa a fazer, compraram camisolas brancas que resolveram meter num balde cheio de bom vinho tinto da Bairrada que em dois garrafões tinham ido de Aveiro. As camisolas secaram e a cor ficou memo... a cor do vinho, a tal cor «mauve» ou roxo claro!

Como também era preciso um disco com o hino português, que deveria chegar na mala com as camisolas, os remadores aveirenses, acompanhados dos dirigentes, resolveram ir cantar e gravar «A Portuguesa» na RAI — Rádio Nacional Italiana. Este disco não foi preciso em Milão, visto que só iam para o ar os hinos dos três primeiros classificados, e a equipa portuguesa chegou em 5.º lugar, entre os seis finalistas. No vestiário, depois desta disputadíssima final, quando os remadores aveirenses retiraram as camisolas, tinham os corpos da cor do vinho tinto que lhes escorria pelo dorso!... com grande admiração dos outros concorrentes estrangeiros!

Em Roma a equipa dos Galitos ganhou estrondosamente a Regata Internacional. E o disco com o hino cantado pelos aveirenses ecoou pelo ar romano de Castelo Gandolfo. As vozes pareciam ter mais fôlego, mais vibração sonora, e até mais ritmo. Era um hino que chegava ao coração de todos. Quem saba se as lições do Grupo Coral do grande «galito» Carlos Aleluia, tantas vezes escutado em Aveiro e em todo o Portugal, teriam influído neste segundo êxito dos remadores aveirenses?! — remando e cantando!...

● Em Helsínquia, nos Jogos Olímpicos de 1952, o chefe da equipa portuguesa esqueceu-se de avisar o condutor do autocarro, destinado a Portugal, que tinha de aguardar os remadores.

Logo que o autocarro se encheu, o **chauffeur** partiu para o local da pista. Mas os remadores não estavam lá...

Lembrou-se o chefe da nossa equipa de chamar um carro da polícia, uma espécie do nosso pronto socorro 115. E logo acudiu um carro celular, acompanhado de vários polícias.

Os remadores entraram; e, como era tarde, vestiram-se no referido carro porque já estavam atrasados e a pista ficava longe.

A Imprensa de alguns países «não amigos» aproveitou para dizer que os remadores portugueses tiveram de «comparecer à força» e acompanhados pela polícia...

E assim, algumas vezes, se faz a história de alguns acontecimentos!...

● Em 29 de Agosto de 1926 foi o **Clube Mário Duarte** convidado a participar numa regata organizada pelo velho e glorioso Clube Fluvial Portuense, para disputar no Rio Douro a «Taça António Joaquim da Fonseca», em **outrigger** de 4 com timoneiro.

A equipa aveirense era constituida pelos irmãos Mário, Carlos Júlio e Francisco Duarte, e seu parente António Luz, tendo por timoneiro Domingos Vicente Ferreira.

Os nossos treinos resumiam-se a passeios até à Gafanha, à Costa Nova, à Vista Alegre, ao Monte Farinha, isto é a passeios longos, de 8 a 20 quilómetros ida e volta!

A equipa do Fluvial tomou a dianteira; mas a meio da prova a equipa aveirense já levava mais de um barco de vantagem. E quando a cinquenta metros da meta, o nosso avanço era de quase três barcos, o jovem timoneiro Domingos, hoje Dr. Domingos Vicente Ferreira, largou as cordas do leme e levantou os braços ao céu, exclamando com expressões de incontestável regozijo: «E agora o meu Pai!» (sic). E assim, de braços erguidos, o timoneiro conduziu o barco à vitória, sob exclamações de amor filial a seu Pai, saudoso e bom amigo estimado por todos.

Texto publicado no LITORAL, em 29 de Agosto de 1970 — Ano XVI, n.º 823.

Apontamentos coligidos pelo

DR. MÁRIO DUARTE

Assestando o binóculo na PONTE PRAÇA

Continuação da 1.ª página

jovens passam os dias a lambuzar a cara uns aos outros, num toma-lá, dá-cá, num agora-tu, agora-eu.

É toda uma roda viva, tanto à mesa do café, como na paragem do autocarro, tanto no cinema, como ao balcão do «snack», numa permuta constante.

Há rapazes e raparigas que parecem sustentar-se dos beijos que trocam no dia-a-dia, condimentados à mistura com o tabaco e as pastilhas elásticas. Uns são silenciosos, alguns repenicados, e uns tantos com fita adesiva. E, como não poluem a paisagem, — a não ser as faces e os lábios —, pelo contrário, dão-lhe um certo encantamento, e a impressão de vivermos num País de amor e de rosas, que não de cravos, já tão em desuso.

Mas, como atrás do beijo se sucede (por vezes) o desejo, assiste-se a cenas autenticamente chocantes em plena via pública, que envergonham — não os intervenientes ou actores —, mas os passantes que as presenciam.

Então o panorama inverte-se e, da alegria sã, e da amizade que o gesto (se puro) representa e se aceita, nasce o quadro triste, deprimente, degradante, obsceno.

É o tal beijo-adesivo, que confunde os espíritos, enlaça os corpos, sufoca a moral. Infelizmente, tal conspurcação reina por aí a cada passo, com um à-vontade de pasmar, que repugna, enoja, a merecer a intervenção enérgica da autoridade, para pôr cobro ao espectáculo aviltante dos que usam e abusam de uma liberdade que ninguém — seja quem for — pode admitir.

Assim é que de polícia de bons costumes precisa-se com urgência nesta Cidade.

Amadeu de Sousa

DE COMO REAPARECE

Continuação da 1.ª página

mado. Por via deste indespensável interregno, o nosso semanário só reiniciará a sua regular saída em Janeiro próximo.

Impunha-se editar o presente número — não só para não ser ultrapassado um ano desde a suspensão, como para dar conta das preconizadas soluções que, certamente garantirão a perenidade e a melhoria deste semanário.

Resta acrescentar: muitos textos, de reputados colaboradores, temos já em nosso poder; importantes acontecimentos se deram na região aveirense durante o intervalo; notáveis personalidades, merecedoras de específicas referências, faleceram entretanto. Mas aqui deixamos a promessa de que, em próximas edições, se dará à estampa o que não deve ficar nas «gavetas do olvido».

Os Jogos Olímpicos no México

Conclusão da penúltima página

de outro hemisfério, o que mais importa na adaptação.

Não há dúvida alguma de que a rarefacção do ar tem a sua importância para os corações de indivíduos cansados pelos anos ou pelos esforços prolongados. Mas os atletas que participam nos jogos Olímpicos são jovens, na maioria de 18 a 25 anos. Estes terão a grande vantagem de, nas corridas de velocidade, nos saltos e nos lançamentos, não encontrarem tanta resistência na camada de ar que ali envolve a Terra. Creio, por isso, que alguns «records» serão estabelecidos novamente no México. Mas nas corridas de meio-fundo, e sobretudo de fundo, a exiguidade do oxigénio tem de sentir-se. O esforço físico traduz-se por um consumo muito maior de oxigénio para estabelecer um certo equilíbrio entre a formação de ácido láctico nos músculos em trabalho acelerado e a sua destruição pela entrada de oxigénio necessário para tal fim.

Não quero terminar estas linhas sem uma referência aos lindos canais de Xochimilco, onde se realizarão as provas de remo. No arvoredo que borda as margens desses canais, há muita semelhança com o nosso Rio Novo do Príncipe ou com o nosso Vouga no percurso até Águeda. Por lá dei alguns passeios, com a família, matando as saudades dessa encantadora Ria que esmalta de brilho e beleza a terra onde nasci.

Texto publicado no LITORAL, em 18 de Maio de 1968 — Ano XIV, n.º 706.

Artigo da autoria do

DR. MÁRIO DUARTE

Santa Casa da Misericórdia de Aveiro

Convocatória

Nos termos do disposto no n.º 1 do art.º 30.º do Compromisso da Irmandade da Santa Casa da Misericórdia de Aveiro, convoco a Assembleia Geral da Irmandade da mesma Santa Casa, a reunir em Sessão Ordinária, no Salão Cultural da Câmara Municipal de Aveiro, no próximo dia 30 do corrente mês de Novembro, pelas 20.30 horas, com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS

1. Discussão e aprovação do Plano de Actividade e Orçamento para o ano de 1983.
2. Eleição dos Corpos Gerentes para o triénio de 1983/85.
3. Outros assuntos de interesse para a Instituição.

Não havendo número legal de Irmãos para deliberar em primeira convocação, convoco desde já a mesma Assembleia Geral para reunir, em segunda convocação, no mesmo local, uma hora depois, ou seja, pelas 21.30 horas e com a mesma ordem de trabalhos, deliberando então com qualquer número de Irmãos presentes.

Aveiro e Sala de Sessões da Santa Casa da Misericórdia, 9 de Novembro de 1982.

O Presidente da Assembleia Geral
a) **Pedro Grangeon Ribeiro Lopes**

NOS 50 ANOS do BEIRA-MAR

Santos Gamelas, José Bento da Loura e António Pinho das Neves; Firmino da Naia, Francisco Passos da Cruz, João da Rosa Lima, João Salvador da Maia e Francisco Nunes da Maia; e António Gonçalves Andias, como suplente. Estes são os verdadeiros fundadores do Sport Clube Beira-Mar, simpática agremiação que nasceu do povo do bairro da Beira Mar. Vinham cheios de vontade em fazer alguma coisa pelo desporto da nossa querida terra.

O desafio decorreu muito **animado. Os jogadores do Beira-Mar** deram todo o entusiasmo da sua juventude e do seu pujante poder atlético ao serviço da nova equipa. **«Pica a bola a sotavento»**, exclamava um dos avançados, servindo-se deste e outros termos náuticos para desnortear os jogadores da equipa adversária. Mas a experiência dos estudantes, onde figuravam alguns jogadores com muita habilidade, triunfou por 4-0. Foi assim o **«baptismo»** do Beira-Mar. Foi a primeira lição! Mas o Beira-Mar aprendeu-a bem. Ele é hoje no distrito o número um do nosso futebol.

Cinco meses depois, em 5 de Maio de 1922, já o Beira Mar enfrentava com galhardia o Clube dos Galitos, perdendo, é certo, por 2-4. Mas é preciso recordar que o Clube dos Galitos tinha então a mais forte equipa de futebol do distrito de Aveiro, que nesse ano ganhou a «Taça Aveiro» contra os clubes da cidade, (Académico, Estrela e Beira-Mar), e anteriormente triunfara sucessivamente, em desafios de maior envergadura, contra alguns clubes de Leixões, Gaia, Porto e Famalicão.

Era guarda-redes do Beira Mar o seu mais devotado fundador e sócio número um, o grande João Moreira, que recordamos com saudade. E eu, que fui sempre seu amigo, era o guarda-redes do Clube dos Galitos.

Os estudantes do Liceu deram depois ao Beira-Mar alguns jogadores que ali se iniciaram com êxito no futebol. Recordamos, sem desprimor para outros, os estudantes António Ferreira, hoje coronel de artilharia, na reserva, e meu irmão Francisco Duarte, funcionário da Junta Autónoma das Estradas, que começaram a jogar na equipa de honra do Beira-Mar aos 16 anos de idade! Em 1928-29, mais três estudantes, Alberto Ruela, Castro Cabrita e Décio Cerqueira, figuravam na equipa e meu irmão Francisco jogava ainda pelo simpático e novo Clube aveirense quando este venceu pela primeira vez o Campeonato Regional da Associação de Futebol de Aveiro, ganho sempre, desde 1924-25, pelo Sporting Clube de Espinho. Nessa mesma época, o Beira-Mar disputou o Campeonato de Portugal, sendo vencido por 0-2 pelo União Lisboa que viria a ser finalista, tendo perdido por 2-1 com o C. F. «Os Belenenses» que se sagrou Campeão de Portugal de 1928-29.

Beira-Mar, dizia-me há pouco tempo um velho jogador dessa remota época, é um nome que diz alguma coisa, um nome gritante. E assim é, de facto. É um nome que faz parte de Aveiro e nos recorda tantos episódios da mocidade!

Do bairro da Beira Mar era Luís da Rocha Leonardo que em 1922 fundou e dirigiu o **«Aveiro Sportivo»**, primeiro jornal da especialidade no distrito de Aveiro. Estou seguro de que, ele é também um dos primeiros sócios do S. C. Beira-Mar. Em 1927 foi viver para Belém do Pará, estabelecendo-se ali como comerciante e possuindo hoje importante firma comercial a par de grandes simpatias, contribuindo a seu modo para cimentar a cordealidade entre as agora cidades irmãs Aveiro e Belém do Pará.

Porque estamos em maré de recordações dos primeiros anos do Clube, é justo recordar os nadadores do Beira-Mar que em 1924 participaram no Campeonato de Portugal de Water-Polo. O Beira-Mar jogou a meia-final no Porto, no Rio Douro, contra o Clube Escola Náutica, campeão do Porto, perdendo por 4-0, o que não é de admirar porque os nadadores aveirenses não tinham adversários com quem treinar. Mas este encontro é digno de registo por ter sido o Beira-Mar o primeiro clube da província a concorrer a tão importante campeonato, disputado com grande entusiasmo naquele tempo, mas sòmente por clubes de Lisboa e do Porto!

Representaram o Beira-Mar os seguintes nadadores: J. Pacheco, Lemos, Mário Duarte (Filho), M. Matos, J. Gonçalves, Carlos Sarrazola e Carlos Júlio Duarte.

Teríamos de dedicar um capítulo especial aos nadadores de fundo e meio-fundo do Beira-Mar que durante muitos anos, entre 1922 e 1940, deram água pela barba aos nadadores de Lisboa e do Porto. É de inteira justiça evocar o director José Venício Caracol Meireles que em 1929, 1930 e 1931 acompanhou os nadadores do Beira-Mar que ganharam, sucessivamente nesses três anos, a principais provas dos Campeonatos Internacionais de Natação em Vigo, Espanha. Domingos Calisto, Joaquim Ferreira, José Ferreira, Francelino Costa, António Agostinho Portugal, Cipriano Agostinho Portugal, Leonel Graça, Alfredo da Maia Romão, João dos Santos Calisto e, sem desprimor para nenhum deles, o grande Tobias de Lemos que em 1929 venceu a «Primeira Travessia da Baía de Vigo», num percurso de 4 000 metros, com um avanço de mais de quinhentos metros sobre o nadador espanhol segundo classificado, **vitória que deve ser recordada como uma das mais brilhantes de natação portuguesa no estrangeiro.** Mais de cinco mil espectadores aplaudiram, com simpatia e grande admiração, o nadador aveirense Tobias de Lemos ao chegar ao cais, no local onde está edificada a nova sede do Clube Náutico de Vigo. Em 1931 António Agostinho bateu o record da travessia da Baía de Vigo, mas o seu magnífico triunfo não teve a mesma espectacular admiração do público porque o seu avanço sobre o segundo classificado foi muito menor.

É um dever que se impõe à nossa consciência relembrar aos jovens de hoje estas significativas vitórias do Beira-Mar em natação, já que o Clube é agora mais conhecido no futebol. Como é bom não esquecer a posição que o Clube dos Galitos teve no futebol de há cinquenta anos, modalidade que abandonou para se dedicar com entusiasmo ao remo, em que brilhou a grande altura nos Jogos Olímpicos de Londres, em 1948, e nos Campeonatos da Europa em Milão, em 1950, e sobretudo na Regata Internacional de Roma, também em 1950, que a equipa de oito-shell do Galitos ganhou brilhantemente e que deve ser considerada a **mais espectacular vitória de sempre do remo português.**

Não conheço, tanto em natação como no remo, mais rotundos triunfos do desporto nacional no estrangeiro do que esses alcançados, ambos, por rapazes de Aveiro: o triunfo de Tobias de Lemos, do Beira-Mar, na I Travessia da Baía de Vigo, em 1929, e a vitória do Galitos, em shell de 8, na Regata Internacional de Roma, em 1950. Recordar é viver!

Vai fazer cinquenta anos o Sport Clube Beira-Mar. Que melhor prémio para festejar o seu 50.º aniversário do que a entrada, com o pé direito na Divisão dos Grandes... e uma boa classificação no próximo Campeonato de Portugal?! Oxalá que assim aconteça para satisfação dos aveirenses, que os há por toda a parte, sem esquecer os emigrantes e os navegadores oriundos do nosso distrito que se espalham por terras e mares nas cinco partes do Mundo!

Pelo triunfo do Beira-Mar no Campeonato deste ano, pela sua entrada na 1.ª Divisão, onde aliás já figurou, e pelos 50 anos que se aproximam, aqui deixamos os nossos sinceros parabéns ao seu presidente e desportista Dr. Maya Seco, extensivos a todos os que contribuiram para esta ascensão do S. C. Beira-Mar, sobretudo pelo que hoje representa na defesa dos interesses e do bom nome da nossa Terra.

Texto publicado no LITORAL, em 29 de Maio de 1971 — Ano XVII, n.º 861.

Artigo do Dr. MÁRIO DUARTE

DOIS AVEIRENSES ILUSTRES NA HISTÓRIA DE «OS BELENENSES»

que é eterno, os fastos da história do futebol português registaram o seu nome a letras de ouro, em efemérides que não se perderam na poeira do tempo.

Mário Duarte, que é actualmente Embaixador de Portugal no México, foi o primeiro guarda-redes do Clube de Futebol «Os Belenenses» e uma das figuras mais destacadas do brilhante hitorial do Clube da Cruz de Cristo.

Em 1921, no dia 1 de Novembro, em jogo amigável contra o Galitos, de Aveiro, o ilustre desportista aveirense fez a sua primeira exibição, perante a gente da sua terra, com a camisola do Belenenses.

Esse desafio foi ganho pelo C. F. «Os Belenenses», pelo elevado resultado de 7-1. Nesse mesmo dia, Mário Duarte (Pai) e sua Esposa, a Baronesa de Recosta, foram nomeados sócios honorários do Clube de Futebol «Os Belenenses».

O Belenense indefectível, o aveirense ilustre, o desportista exemplar, o guarda-redes N.º 1 do Clube da Cruz de Cristo, selava, assim, em data que haveria de perdurar na memória do tempo, a sólida e duradoura amizade que vinculou para sempre a boa e laboriosa gente de Aveiro ao Clube de Futebol «Os Belenenses».

A outros belenenses ilustres caberia, no porvir, manter e consolidar a obra de raro sentido construtivo de Mário Duarte, bem expressa nos vínculos de amizade, admiração e respeito mútuo que, através dos tempos, têm unido, no verdadeiro espírito duma única família, aveirenses e belenenses.

Entre tantos bons amigos do Clube de Futebol «Os Belenenses» da bela e incomparável Veneza portuguesa, é-nos lícito destacar a figura ínclita e grata ao coração de todos os belenenses do Dr. Francisco do Vale Guimarães.

Dirigente impoluto, pessoa de fino trato, condutor de homens profundamente humano e compreensivo, eis o perfil do grande continuador da obra do aveirense-belenense Mário Duarte, cuja estatura de desportista se situa bem acima das cabeças do vulgo do futebol português.

Falar de Mário Duarte e do Dr. Vale Guimarães é reviver todo o esplendoroso historial do grande clube que é o C. F. «Os Belenenses»; é invocar o passado e o presente, simbiose dum ideal comum dos aveirenses e belenenses; é, acima de tudo, lembrar que são os sentimentos que determinam e conduzem os homens na sua acção criadora.

Nem mesmo o Mal, que, por vezes, se infiltra no seio das amizades perduráveis, apostado em destruir o Bem e tudo o que é belo, pode exibir a força e o poder capazes de destruir os frutos que fecundaram na terra ubérrima dos afectos indestrutíveis.

São estes os sentimentos que os belenenses nutrem pelos homens que com o seu esforço e a sua inteligência contribuiram para engrandecer o seu passado e o seu presente.

E é com este espírito de amizade e de gratidão que todos os belenenses irão reviver no jovo que vão disputar contra o prestigioso Beira-Mar, no próximo dia 6, a memorável jornada de 1 de Novembro de 1921, a partir da qual o Belenenses passou a contar entre os aveirenses 80% dos seus adeptos.

Aveiro, cujo diploma de nobreza é a sua indesmentível hospitalidade, há-de rever com orgulho o clube que os seus filhs ajudaram a erguer.

Os belenenses vão, uma vez mais, ao seio da família levar o abraço amigo e fraterno, e, com ele, os sentimentos de gratidão que lhe são devidos.

FERNANDO VAZ

Mário Duarte, diplomata e desportista

Morreu o dr. Mário Duarte! Deixou este mundo um desportista exemplar que via no desporto a concrétização de um sonho de diálogo fraterno entre as pessoas. «Nós, os primeiros futebolistas do Belenenses, jogávamos por amor à camisola e nunca nenhum de nós morreu de fome! Fazíamos uma família! E embora os tempos sejam outros e aceite perfeitamente o profissionalismo no futebol, o nosso modo de estar no clube era bonito! Andávamos por ali como quem sonha num mundo melhor! Era bonito! Era bonito». De braço dado comigo, subia ele a Avenida da Liberdade, rumo à Delegação do Belenenses. Já lá vão 13 anos, mas a sua confidência daquela tarde permitiu que viessem à tona lampejos de uma personalidade respeitável de desportista. Alto, hercúleo (a sua figura nada tinha de quebradiça ou débil) e simultaneamente delicado, meticuloso, polido; antigo futebolista e campeão de atletismo (sempre no Belenenses); remador, tenista e nadador, em Aveiro, sua terra natal, e no Sport Algés e Dafundo — Mário Duarte corporizou, maravilhosamente, o desportista impoluto da primeira meia centúria.

Por isso o aponto como exemplo. Porque um homem só é exemplar quando, generoso e jovem, se abre ao diálogo com as coisas e com os outros homens, num determinado espaço-tempo e dando ao sonho o quinhão de realidade que lhe cabe. Era talvez isto o que a Rainha, no drama de Schiller, manda de recado ao Rei: «Dizei-lhe que saiba respeitar os sonhos da sua juventude» Foi o que Mário Duarte fez!

MANUEL SÉRGIO

Os Jogos Olímpicos no México

favor do nascimento da periódica festa desportiva mundial.

Foi Atenas, em 1896, que viu a Grécia reviver as suas glórias num estádio moderno, construído em mármore, quando o rei ali inaugurou os 1.ºs Jogos Olímpicos da era actual.

Dos Jogos Olímpicos de 1896, aos de Tóquio de 1964, registou-se um aumento considerável, tanto em países como em atletas participantes/.../

Durante os Jogos Olímpicos na antiga Grécia ardia no Estádio uma chama simbólica que ficou para sempre associada a estas imponentes celebrações. Mas a condução do facho, desde o templo de Zeus, em Olímpia, até à sede dos jogos Olímpicos modernos, levou-se a cabo pela primeira vez em Berlim, em 1936. Desde então, é capítulo obrigatório do programa olímpico.

O idealismo de Coubertin pode resumir-se na frase «Citius, Altius, Fortius» — «mais ágil, mais alto, mais forte» — gravada na capa do magnífico livro sobre os XIX Jogos Olímpicos do México, preciosa recordação que guardo como uma relíquia oferecida pelo General José de J. Clark, presidente do Comité Olímpico Mexicano, que acompanhado dos seus colegas do referido Comité visitou uma tarde a Embaixada de Portugal para me entregar pessoalmente esse belo livro que, por deferência dos mexicanos, tem também na capa o meu nome.

> ### Litoral
>
> **Mesmo, num único número, seria impossível anotar — nas diversas modalidades em que o clubes de Aveiro se encontram interessados — todas as presenças (e os respectivos desfechos) dos desportistas da nossa vasta região.**
>
> **Entendemos, assim, aproveitar este ensejo para aqui prestarmos a nossa sentida homenagem a um Aveirense e Desportista ilustre, que sempre nos distinguiu com provas de amizade e grande simpatia e foi, também, apreciado e devotado colaborador do LITORAL — o saudoso Embaixador Dr. Mário Duarte, falecido em 24 de Maio de 1982.**
>
> **No singelo, mas comovido in memoriem que trazemos a estas colunas, transcrevemos (com a devida vénia) um texto do Dr. Manuel Sérgio (publicado, em 2 de Junho findo, na «Gazeta dos Desportos») e reeditamos artigos (alguns apenas em excertos) vindos à estampa no LITORAL — três deles saídos da fluente e comunicativa pena do Dr. Mário Duarte.**
>
> António Leopoldo

Antes de me atrever a dar uma opinião sobre os resultados desportivos dos Jogos Olímpicos do México, é justo recordar que o desporto não foi apanágio de um só país. É certo que o atletismo teve na Grécia um culto unânime e ardente, com um ideal desportivo tão elevado que ainda hoje pode servir de modelo aos atletas perfeitos. Mas a prática dos dsportos é de todos os tempos. Desde que se possui sobre uma civilização, por muito antiga que seja, uma documentação um pouco substancial, encontram-se elementos que permitem inferir que, entre a caça e a pesca, exercícios utilitários, alguns desportos como a corrida, a luta, a natação e os jogos de bola foram praticados com regularidade. Frescos egípcios, talhas persas, éditos chineses e citações da Bíblia demonstram que em todos esses lugares, e muitos éculos antes da nossa era, o desporto estava suficientemente em voga para reter a atenção dos artistas, dos legisladores ou até do Profeta. E também nos grandes centros cerimoniais das cidades pré-colombianas do México, como Monte Alban, Chichen-Itzá, Xochicalco, Mitla, Tula e outras velhas cidades aztecas, toltecas, mixtecas e maias, as descobertas ali realizadas nos últimos anos revelaram marcos de pedra artisticamente lavrada que nos dão a certeza da existência de algum desporto antes da descoberta da América. Efectivamente, nas ruínas de Monte Alban e de Tula, que visitei acompanhado de minha mulher e de minha filha, estas grandes cidades de outrora tinham, entre os muitos edifícios da urbe, por vezes a pouca distância de enormes pirâmides, no dizer de Ferreira de Castro mais belas do que as do Egipto, um estádio de forma rectangular e alongado, com bancadas de pedra sobrepostas e largos corredores em toda a extensão, e nas faces laterais, para os espectadores, e em frente uma grande parede construída com blocos de pedra tendo em dois pontos equidistantes artísticos anéis, também de pedra, por onde devia passar uma bola, como no cesto do basquetebol dos nossos dias!

Entrando agora na análise do problema que alarmou, ao princípio, aqueles que não votaram no México para sede dos XIX Jogos Olímpicos, devo confessar, com a maior franqueza, que a rarefacção do ar a mais de dois mil metros de altura, como sucede no México, não é de aparecer como um «fantasma». Para isso basta relembrar que nos jogos Pan-Americanos realizado em Buenos Aires, México, Chicago e São Paulo foram batidos quatro «records» olímpicos e dois mundiais. E foi na cidade do México onde se conseguiram estes últimos «records».

Estudos médicos e também experiências em diversas competições internacionais realizadas ultimamente no México levaram à conclusão de que com oito dias de residência um atleta está realmente preparado para competir e que, mais do que a altitude, é a mudança de horas, para quem vem

Conclui na 6.ª página

Litoral

EM TEMPO DE REGRESSO

Condicionalismos de ordem vária, que ultrapassam o específico âmbito da página que dirigimos, impedem o LITORAL de voltar ao contacto de todas as semanas com os seu amigos e leitore, já a partir do presente número — que se publica depois de quase um ano de intervalo, relativamente ao último editado (n.º 1365, datado de 27 de Novembro de 1981).

O ambicionado retorno do nosso semanário à regularidade irá ter lugar — segundo tudo faz supor (e, nesse sentido, estão a ser congregados os melhore esforços da equipa do LITORAL) — apenas em Janeiro de 1983. E, nesta Secção Desportiva, todos «torcemos» por isso, esperando que o actual e fugaz regresso passe a ser, no Ano Novo, uma efect va e perene volta à normalidade da vida editorial da folha que integramos, com todo o empenho e entusiasmo.

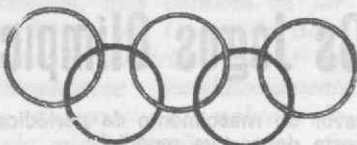
As longas «férias forçadas» do jornal determinaram que, para o número de hoje se elaborou, utilizássemos moldes diversos daqueles que, por certo, seriam escolhidos -ara um registo programado de resultados de competições desportivas.

Continua na 7.ª página

OS JOGOS OLÍMPICOS NO MÉXICO

QUANDO me encontro com amigos e jornalistas desportivos, nesta Lisboa que cresce em ritmo acelerado, é rara a vez que não me pedem para escrever alguma coisa sobre os jogos Olímpicos de 1968, a realizar no México, a grande capital onde vivi quatro anos e que hoje conta mais de seis milhões de habitantes, mas que por estar situada a 2 240 metros de altitude se apresenta para alguns como enigmática quanto aos resultados das múltiplas provas que ornamentam o vasto calendário dos Jogos Olímpico modernos.

E aqui estou a escrever sobre o assunto para um jornal de Aveiro, já que foi da nossa terra, em fins do século passado, que irradiou para muitas outras terras do nosso país o gosto por modalidades desportivas que hoje arrastam multidões aos estádios de inúmeras cidades.

Ideias predominantes na antiga Grécia estabeleciam que o homem,

como indivíduo, para alcançar um aperfeiçoamento íntegro, requeria a constante cultura das suas faculdades espirituais, mentais e corporais. Foi na Grécia onde se enalteceu o harmonioso desenvolvimento físico da espécie humana. Guiado por este objectivo, o povo enviava para o estádio os seus melhores homens nas ocasiões comemorativas das suas grandes epopeias.

Os Jogos celebrados em Olímpia, na Élida, no Peloponeso, têm a sua época histórica a partir do ano 776 antes de Cristo. Segundo Píndaro, nos primeiros jogos apenas figuraram seis provas. Atingiram o eu apogeu no V.º Século antes de Cristo, na época de Péricles, quando, de quatro em quatro anos, o que havia de melhor entre os helenos se reunia para tributar culto à força e à beleza.

Os Jogos foram decaindo com as vicissitudes dos tempos, até que nos fins do século passado, no Congresso de Educação Física celebrado em Paris em 1894, o Barão Pierre de Coubertin apresentou eloquentemente os argumntos a

Continua na 7.ª página

DES POR TOS

Secção dirigida por ANTÓNIO LEOPOLDO

Uma foto histórica

Dos arquivos do LITORAL, o documento gráfico que hoje ilustra esta página, é fotografia histórica — que nos mostra a Selecção de Lisboa vencedora, em 1922 (por 5 a 0) da Selecção do Porto. O guarda-redes do conjunto lisboeta é o aveirense MÁRIO DUARTE (quinto, a contar da direita).

NOS 50 ANOS DO BEIRA - MAR

A equipa do Beira Mar apareceu em público pela primeira vez em 25 de Dezembro de 1921, vai fazer portanto cinquenta anos no próximo Natal.

Chamavam-lhe a equipa dos **«americanos»** porque alguns dos seus componentes, regressados dos Estados Unidos da América, traziam consigo, segundo se dizia, botas **«especiais»** com biqueiras resguardadas interiormente de metal. Propalavam até as más línguas que essas botas provocavam receios temerários a qualquer equipa adversária. Talvez por esse motivo, tendo encontrado certa dificuldade em jogar com outro clube local, vieram pedir, a quem estas linhas escreve, para organizar uma equipa com a qual pudessem jogar o seu primeiro desafio.

Como era por altura das férias do Natal, não foi difícil arranjar um «team» de estudantes para opor ao novo Beira-Mar. E na tarde de 25 de Dezembro de 1921 compareceram no campo do Rossio os seguintes estudantes: Ernesto de Pinho Guedes Pinto, Pedro Ferreira, Luís Regala, Elias Gamelas, Adolfo Geraldes, Manuel Lacerda, Sílvio Moreira, N. N. e os irmãos Francisco, Carlos Júlio e Mário Duarte.

A equipa do Beira-Mar constituída por fortes rapazes do bairro da Beira Mar, dos quais alguns tinham há pouco regressado da América, apresentou-se com camisolas e meias novas, compradas na véspera na **«Loja do Senhor Osório»**. Era assim formada: João da Cruz Moreira; José de Pinho Nascimento e Primo da Naia Pacheco; Luís dos

Continua na 7.ª página

MÁRIO DUARTE
DIPLOMATA E DESPORTISTA

Um Artigo do Dr. MANUEL SÉRGIO publicado em 2/Junho/1982 na «GAZETA DOS DESPORTOS» (N.º 203, pág. 3)

Conviviam, na figura imensa de Mário Duarte (falecido, no passado dia 24, a bordejar os 82 anos de idade) o diplomata e o desportista. Na elegância amadurecida e no recheio conciso de uma cultura vasta, ressurgia o cônsul e o embaixador; no companheiro (de todas as horas) dos «rapazes da praia», fundadores do Clube da Cruz de Cristo, no humor imaginativo diante da vitória ou da derrota e nas admiráveis qualidades motoras, assomava, estupendo de pormenores, o desportista.

O ter sido o primeiro guarda-redes do Belenenses, um clube de raiz popular, quando era universitário em Lisboa e se lhe abriam as portas de clubes recheados de «gente bem»; o nutrir por Artur José Pereira (outro dos «rapazes da praia») uma admiração reverencial; o facto de considerar os seus tempos de atleta belenenses «uma época de juventude sempre renovada»; o relembrar, com saudades, essa época de força irrefragável e de criatividade constante, verdadeiro amanhecer de um dos mais ecléticos clubes lisboetas — dão bem a medida da sua simplicidade. Mário Duarte, filho de família burguesa, era um homem chão, sem caprichos classistas nem pruridos recônditos. E assim ficou na história de «Os Belenenses» e do desporto nacional.

Conheci-o, de perto, quando em 1969 a Junta Directiva, integrada de três talentosos e ardentes belenenses (os drs. Gouveia da Veiga, Coelho da Fonseca e Acácio Rosa) preparou, com um esmero inexcedível, a comemoração dos 50 anos da vida do Clube). Com 70 anos menos um, mantinha um invejável dinamismo, sem deixar de respirar, a plenos pulmões, a atmosfera da distante e lavada Belém de 1919. Não era um génio verbal, mas seduzia o seu entusiasmo, ao historiar o nascimento e os primeiros anos do Belenenses.

Na sessão solene que, no dia 23 de Setembro de 1969, se realizou na Socidade de Geografia, o dr. Mário Duarte proferiu um dos discursos mais sentidos e de maior eloquência moral que já me foi dado escutar. O Belenenses renascia, aos olhos dos presentes, nas suas palavras risonhas, sensatas e com a fina percepção do que no desporto é significativo (a coragem, a promoção da saúde e o companheirismo). Era nítido também o amor como digressionava pelos seus tempos de futebolista «azul», jogando no campo de Pau de Fio, sob os aplausos de uma assistência entusiasta, na qual se via o Presidente da República, Manuel Teixeira Gomes, democrata e cultor imaginoso das belas letras.

Continua na 7.ª página

DOIS AVEIRENSES ILUSTRES NA HISTÓRIA DE "OS BELENENSES"

Um Artigo de FERNANDO VAZ

Então treinador de «Os Belenenses» — publicado no n.º 466 do LITORAL, em 5 de Outubro de 1963

No dia em que o estudante universitário português Mário Duarte, natural da bela cidade de Aveiro, regressou a Portugal, depois de cursar a Universidade, em Inglaterra, trazendo consigo uma bola de futebol, ficou traçada, pode dizer-se, a linha de rumo de sã amizade, desde então, haveria de unir, para sempre a boa gente do Mar da velha Nova Bragança del-rei D. José I aos desportistas da histórica Belém, que viu partir as caravelas de Vasco da Gama.

Foi por volta do ano de 1896 que Mário Duarte aveirense ilustre e desportista de eleição, levou consigo, para Aveiro, na sua bagagem de estudante, a primeira bola deste jogo «que se praticava muito em Inglaterra».

Pioneiro apaixonado do ideal desportivo, que na Grã-Bretanha era tido por «função nobre e higiénica» e criação de incontestável valor educativo e social, Mário Duarte tornou-se uma figura ímpar, quiçá incomparável, nessa fase embrionária da introdução do futebol em Portugal.

Servido por vasta cultura, a que se aliava uma esmerada e fina educação, Mário Duarte fez reviver à beira dos esteiros em que se ramifica o Vouga e, depois, nas terras sagradas da histórica Belém, a obra bela e fecunda inspirada pelos estudantes universitários de Cambridge — os verdadeiros criadores do «dribbling game», que é o futebol dos nossos dias.

Entre o que é transitório e o

Continua na 7.ª página

REMADAS... DE GRAÇA

Tive ocasião de dizer na Sessão Comemorativa do 50.º Aniversário da Federação Portuguesa do Remo, que foi o Clube dos Galitos, de Aveiro, em representação de Portugal, que deu à Federação as mais legítimas alegrias, não só quando, em 1948, nos Jogos Olímpicos de Londres, bateu a Irlanda, a Argentina e a Jugoslávia para chegar às meias-finais, mas ainda quando nos Campeonatos da Europa de 1950, em Milão, conseguiu classificar-se e disputar valorosamente a final.

Mas, segundo me afirma o sr. Mendo Saraiva Lobo, ilustre afical da Reserva Naval e um dos mais antigos e activos dirigentes do Remo Nacional, a espectacular vitória do Clube dos Galitos na Regata Internacional de Roma, no Lago de Castelo Gandolfo, em 1950, foi a maior vitória de sempre do Remo Português e um dos mais rotundos triunfos do Desporto Nacional no estrangeiro. Por essa ocasião, o Papa recebeu em audiência especial os remadores de todos os países concorrente e, dirigindo-se em idioma português aos nossos representantes, deu-lhes a sua bênção «extensiva a todos os desportistas e ao povo de Portugal».

Continua na 6.ª página